

FACULDADE MAUÁ GOIÁS

GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

VANESSA LORENA MACÊDO LIMA

**O MOVIMENTO ANTIVACINAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
IMPACTOS, NARRATIVAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS**

ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS

2024

FACULDADE MAUÁ GOIÁS

GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

VANESSA LORENA MACÊDO LIMA

**O MOVIMENTO ANTIVACINAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19:
IMPACTOS, NARRATIVAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de enfermagem da faculdade Mauá de Goiás com parte dos requisitos para obtenção de título de Bacharel em Enfermagem.
Orientador Prof Luana Guimarães da Silva.

ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS

2024

O MOVIMENTO ANTIVACINAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: IMPACTOS, NARRATIVAS E IMPLICAÇÕES SOCIAIS

Vanessa Lorena Macêdo Lima*
Luana Guimarães**

RESUMO

A desinformação sobre vacinas, amplificada pelas redes sociais, tem sido um dos principais motores da hesitação vacinal. Fake news, que frequentemente incluem alegações infundadas sobre os riscos das vacinas, espalham-se rapidamente, influenciando negativamente a decisão de vacinar-se. O objeto deste estudo é descrever as diversas razões que levaram à consolidação do movimento antivacina entre os brasileiros e analisar as consequências dessa disseminação para a sociedade. Para alcançar esse objetivo geral, foram realizadas três etapas principais: a conceituação e descrição das vacinas, seguida de uma análise detalhada sobre o movimento antivacina e o papel da desinformação, e, por fim, a apresentação de uma análise crítica das causas subjacentes ao movimento antivacina no Brasil e suas implicações sociais. Os procedimentos técnicos utilizados foi uma pesquisa bibliográfica de natureza básica, com objetivos exploratórios e uma abordagem qualitativa. A desinformação, a desconfiança nas instituições, crenças pessoais e o medo de efeitos colaterais impulsionam a hesitação e a recusa vacinal. Além disso, o quadro evidencia as graves consequências sociais dessa postura, como o ressurgimento de doenças erradicadas, a sobrecarga do sistema de saúde, a polarização social e o impacto na saúde individual. É imprescindível que a sociedade adote uma abordagem pautada pelo pensamento complexo para compreender e lidar com as nuances dos desafios impostos pela desinformação no contexto da vacinação. Apenas ao promover um debate informado, com base em evidências científicas, será possível mitigar os impactos negativos da desinformação e fortalecer a resposta coletiva aos movimentos antivacina.

Descritores: Desinformação, Movimento antivacina, Pandemia Covid19

ABSTRACT

Misinformation about vaccines, amplified by social media, has been one of the main drivers of vaccine hesitancy. Fake news, often containing unfounded claims about vaccine risks, spreads rapidly, negatively influencing the decision to get vaccinated. The aim of this study is to describe the various reasons that led to the consolidation of the anti-vaccine movement among Brazilians and to analyse the societal consequences of this spread. To achieve this general objective, three main stages were undertaken: the conceptualisation and description of vaccines, followed by a detailed analysis of the anti-vaccine movement and the role of misinformation, and finally, a critical analysis of the underlying causes of the anti-vaccine movement in Brazil and its social implications. The technical procedures involved a basic bibliographic research with exploratory objectives and a qualitative approach. Misinformation, distrust in institutions, personal beliefs, and fear of side effects drive vaccine hesitancy and refusal. Moreover, the study highlights the serious social consequences of this stance, such as the resurgence of eradicated diseases, the strain on the healthcare system, social polarisation, and the impact on individual health. It is crucial for society to adopt a complex-thinking approach to understand and address the nuances of the challenges posed by misinformation in the vaccination context. Only by promoting an informed debate, based on scientific evidence, will it be possible to

* Discente de Enfermagem Bacharelado - Faculdade Mauá de Goiás. Trabalho de Conclusão de Curso, Sob orientação Docente

** Enfermeira – Faculdade Mauá de Goiás. Especialista. E-mail: enfermagem.mauadf@gmail.com

mitigate the negative impacts of misinformation and strengthen the collective response to anti-vaccine movements.

Keywords: Misinformation, Anti-vaccine movement, Covid-19 Pandemic

1 INTRODUÇÃO

A vacinação desempenha um papel essencial na saúde pública, protegendo tanto os indivíduos quanto a comunidade em geral. Sua relevância social é inegável, pois promove a prevenção de doenças, a redução da mortalidade infantil e a erradicação de enfermidades graves (SILVA, 2020). Além disso, a vacinação contribui para a imunidade coletiva, essencial para proteger aqueles que não podem ser vacinados, como imunocomprometidos e recém-nascidos (SANTOS, 2018). No entanto, a propagação de fake news e desinformação tem ameaçado essa prática vital, resultando em uma hesitação vacinal crescente e o ressurgimento de doenças anteriormente controladas (PEREIRA, 2021).

No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) é responsável por implementar programas de imunização em todo o país, garantindo acesso gratuito e universal às vacinas. O Programa Nacional de Imunizações (PNI), gerido pelo SUS, é um dos mais completos do mundo e tem desempenhado um papel crucial na redução de doenças infecciosas no Brasil (SOUZA, 2019). A eficácia do SUS em atingir suas metas de vacinação, no entanto, é ameaçada pela hesitação vacinal, que pode ser agravada pela disseminação de desinformação e teorias da conspiração sobre vacinas (OLIVEIRA, 2021).

A hesitação vacinal, caracterizada pela relutância ou recusa em se vacinar, é um fenômeno preocupante, especialmente entre grupos minoritários. Esses grupos, historicamente marginalizados e com acesso limitado a serviços de saúde de qualidade, são particularmente vulneráveis à hesitação vacinal (ALMEIDA, 2019). A desinformação e a falta de confiança nas instituições de saúde são fatores que contribuem para essa hesitação, exacerbando as desigualdades na saúde (FONSECA, 2020).

A desinformação sobre vacinas, amplificada pelas redes sociais, tem sido um dos principais motores da hesitação vacinal. Fake news, que frequentemente

incluem alegações infundadas sobre os riscos das vacinas, espalham-se rapidamente, influenciando negativamente a decisão de vacinar-se (NASCIMENTO, 2021). Esse problema é particularmente grave entre grupos minoritários, que podem ter menos acesso a informações precisas e serem mais suscetíveis a teorias da conspiração (PEREIRA, 2020).

A crescente hesitação vacinal impulsionada pela desinformação representa um desafio significativo para as políticas públicas de saúde. O SUS e outras entidades de saúde têm intensificado os esforços para combater a desinformação, por meio de campanhas educativas e parcerias com líderes comunitários (MENDES, 2021). No entanto, uma abordagem mais abrangente, que inclua a melhoria do acesso à informação de qualidade e o fortalecimento das redes de apoio em comunidades vulneráveis, é necessária para enfrentar esse desafio (FERREIRA, 2020).

No presente artigo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica de natureza básica, com objetivos exploratórios e uma abordagem qualitativa. A pesquisa foi realizada por meio de busca e análise de artigos científicos, teses, dissertações, e outros materiais bibliográficos relevantes disponíveis nas bases de dados selecionadas. Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Movimento contra Vacinação, Movimento Antivacina, Desinformação e Pandemia COVID-19. Na seguinte combinação (movimento antivacina) OR (desinformação) AND (pandemia covid-19) AND (year_cluster:[2019 TO 2024]) Essas palavras-chave foram selecionadas com base nos Descritores em Ciências da Saúde, visando a encontrar estudos que abordem a influência de informações erradas serem passadas sem controle, como também a divulgação de dados de pesquisa, que auxiliam no processo de informação, e a verificação antes de ser repassada por qualquer meio de comunicação.

A pesquisa foi realizada na Biblioteca Virtual de Saúde, nos seguintes periódicos: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), MEDLINE - Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos (NLM), Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) e Banco de Dados em Enfermagem (BDENF).

Os critérios de inclusão adotados foram a relevância dos estudos para o tema proposto, sua atualidade e qualidade científica, e disponibilidade em formato completo. Os critérios de exclusão foram a duplicidade de estudos e materiais de baixa qualidade científica.

Assim, o presente estudo tem como objetivo descrever as diversas razões que levaram à consolidação do movimento antivacina entre os brasileiros e analisar as consequências dessa disseminação para a sociedade. Para alcançar esse objetivo geral, foram realizadas três etapas principais: a conceituação e descrição das vacinas, seguida de uma análise detalhada sobre o movimento antivacina e o papel da desinformação, e, por fim, a apresentação de uma análise crítica das causas subjacentes ao movimento antivacina no Brasil e suas implicações sociais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEORICA

2.1 Vacina Ao Longo Dos Anos Desde A Sua Descoberta

“Vacina vem do termo em latim que significa “de vaca”, seu primeiro registro foi em 1798 quando Edward Jenner observou que em meio a uma alta taxa de infecção de varíola que as camponesas que ordenhavam as vacas tinham feridas e uma condição benigna associada que era transmitida pela varíola bovina e que conseqüentemente não morriam de varíola, então ele infectou algumas pessoas com o vírus modificado da varíola e observou que as pessoas que recebiam o vírus alterado quando contraíam o vírus da varíola tinham sua recuperação mais rápida.” (Vitor Augusto Rezende Santos, Martha Elisa Ferreira de Almeida,2024).

Recentemente o mundo passou pela pandemia da COVID-19, a maior pandemia dos últimos 100 anos, e tal fato revisitou uma forte narrativa revisionista em relação a todos os séculos de avanços científicos na área da vacinação (Galhardi et al., 2022).A COVID-19 é uma síndrome respiratória aguda grave, provocada pelo vírus SARS-CoV-2, descoberta no final de 2019 durante uma epidemia de pneumonia em Wuhan, China (Zhu et al., 2020). O grupo do corona vírus é composto por vírus de RNA descritos pela primeira vez em 1966, tendo recebido esse nome devido ao seu formato que se assemelhava a coroa solar

(Tyrrell & Bynoe, 1966). Sua infecção promove sintomas como tosse, falta de ar e febre, além de apresentar alta capacidade deletéria ao sistema respiratório de pacientes sintomáticos, provocando a descamação de pneumócitos, inflamação intersticial, dentre outras complicações pulmonares (Xu et al., 2020). Sua principal forma de transmissão é por gotículas respiratórias e o contato direto, e diferentemente das demais síndromes respiratórias, os pacientes assintomáticos, que compõem a maioria dos infectados, apresentam capacidade de contágio semelhante aos pacientes sintomáticos, fato que explica o elevado grau de contágio do SARSCoV-2 (Zou et al., 2020).

Segundo a OMS, foram mais de 6 milhões de óbitos causados pela COVID-19, com cerca de 766 milhões de casos confirmados desde 2019 (Agência Lusa, 2023). Embora estudos indicassem sua provável origem a partir de uma zoonose, especulou-se a possibilidade de o vírus ser uma manipulação laboratorial (Andersen et al., 2020), o que rendeu bastante material aos movimentos antivacina em plena crise sanitária global. Sendo assim, tais grupos têm se articulado e disseminado em larga escala de discordâncias frente às práticas vacinais, estimulando a hesitação vacinal em todo mundo (Lago, 2018). Embora esses grupos não representem a maioria da sociedade, a importância da vacinação vai além da proteção individual, buscando controlar as doenças infectocontagiosas, proteger grupos de risco e reduzir os custos e usos de medicamentos e tratamentos (Araújo; Souza; Pinho, 2019). Segundo Galhardi et al. (2022), a onda de informações negativas sobre as vacinas dos últimos anos tem um papel fundamental na dissuasão das massas, que devido ao seu caráter conspiratório e fantasioso, geraram um maior engajamento e se projetaram nas mídias sociais. `` (A história das vacinas e seus benefícios, 2024)

`` Os fatores de influência na hesitação ou recusa vacinal são pessoais, políticos e socioculturais, complexamente formulados (KUPFERSCHMIDT K, 2017). Succi RCM (2017), relata que população: a) desconhece a verdadeira necessidade da imunização, sua segurança e eficácia; b) alimenta o medo de possíveis eventos adversos; c) possui experiências prévias negativas na saúde; e d) desconfia da seriedade da indústria de vacinas e do sistema de saúde.

O mais preocupante é que esses grupos são compostos, principalmente, por pais. Alguns podem expressar uma antipatia implícita à intervenção médica, com uma predileção por modos naturais ou alternativos de prevenção e tratamento de

doenças. Em julho de 2019, um caso julgado pelo Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP) ganhou destaque nacional. O TJ-SP determinou que um casal do município de Paulínia Vacinasse o filho de três anos.

“Os genitores e representantes legais do menor apresentaram como conjunto de justificativas: o fato de a criança não estar na escola e, portanto, estar “longe de riscos de infecções”, a adoção da “filosofia vegana” e a posição contrária a “intervenções invasivas”. Não vacinar é uma demonstração de um conjunto de valores. Outros ativistas incluem cidadãos em geral, profissionais de saúde e provedores de terapias alternativas” (LEASK J, 2015; NEVES J, 2019).

“Vários fatores socioeconômicos e educacionais podem estar relacionados com a adesão do movimento anti-vacina, Vasconcellos-Silva PR (2015) elucida em sua publicação que o padrão das crianças sub-imunizadas é de ser filhos de mães jovens e solteiras, com baixa escolaridade e residentes em comunidades pobres nas adjacências de grandes centros. Em contraste, as crianças absolutamente não imunizadas eram filhos de mães casadas, com alto nível de escolaridade, que residem em vizinhanças com renda acima da média nacional e contam com amplo acesso aos meios de comunicação de massa.” (Renata Paula Lima Beltrão^{1*}, Alba Angélica Nunes Mouta¹, Nickolas Souza Silva², Jocerone Emerson Nogueira Oliveira¹, Ilvanete Tavares Beltrão³, Camila Maila Fontinele Beltrão³, Sâmara Moreira Fontenele⁴, Augusto César Beltrão da Silva³, 2020)

“Em indivíduos críticos, o Modelo de Crenças em Saúde deveria determinar a tomada de decisão quanto a vacinação. Em termos matemáticos, a decisão de vacinar é equilibrada pelo risco compreendido de adquirir uma doença evitável pela vacinação e pelo risco percebido de complicações que esta imunização pode apresentar. Entretanto, o estudo que recentemente investigou a confiança dos pais nas vacinas recomendadas na infância nos EUA descobriu que tanto os pais resistentes quanto os que aceitam as vacinas têm dúvidas, preocupações ou percepções errôneas sobre a imunização. A maioria dos pais referiu buscar informações sobre a segurança das vacinas antes de aplicá-las nos filhos e reconheceu a internet como uma relevante fonte de informação, mas não necessariamente em sites técnicos e idôneos” (Ana Paula Sayuri Satol, 2018).

2.2 Movimento Antivacina E Desinformação

O movimento antivacina ganhou força nas últimas décadas, intensificando-se com o surgimento da pandemia de COVID-19. Estudos mostram que esse fenômeno é impulsionado, em grande parte, pela disseminação de desinformação nas redes sociais, que afeta diretamente a percepção pública sobre a segurança e eficácia das vacinas (Smith, 2020). A desinformação antivacina é frequentemente baseada em informações não verificadas ou distorcidas, que promovem teorias conspiratórias e aumentam a hesitação vacinal (Dubé et al., 2015). Em tempos de pandemia, esses movimentos se tornaram ainda mais perigosos, pois são reduzidos para a diminuição das taxas de imunização permitirem atingir a imunidade coletiva (Burki, 2020).

A desinformação propagada pelos movimentos antivacina tem suas raízes em uma série de fatores, incluindo a desconfiança em relação às instituições de saúde e ao governo. Segundo Kata (2012), a internet facilita o surgimento de "bolhas" de desinformação, nas quais as pessoas buscam e reúnem informações que confirmam seus preconceitos pré-existentes. Essas bolhas, alimentadas por algoritmos que priorizam conteúdos sensacionalistas, estratégicos para a radicalização de opiniões contra as vacinas (Wardle & Derakhshan, 2017). Além disso, o uso de influenciadores digitais e figuras públicas para divulgar informações falsas sobre as vacinas amplia o alcance dessas mensagens (Broniatowski et al., 201

A hesitação vacinal também é reforçada pela percepção equivocada de riscos associados à vacinação, mesmo quando amplamente desmentidos por estudos científicos. Um exemplo notável é o estudo fraudulento de Wakefield (1998), que alegou uma relação entre a vacina MMR e o autismo, e que, embora tenha sido amplamente desmentido, continua a ser citado em círculos antivacina. Esse tipo de desinformação gera incertezas e medo na população, resultando em uma menor adesão aos programas de vacinação (Larson et al., 2014). Durante a pandemia de COVID-19, teorias semelhantes surgiram, alegando que as vacinas contra a COVID-19 poderiam causar efeitos colaterais graves ou até a mesma modificação do DNA dos indivíduos

Diante desse cenário, combater a desinformação tornou-se um dos maiores desafios no enfrentamento da pandemia. Pesquisadores defendem que a melhor forma de combater esses mitos é por meio da educação e da transparência das

informações de saúde pública (Freeman et al., 2021). As políticas públicas devem focar na criação de campanhas de conscientização que utilizem os mesmos canais de comunicação onde a desinformação é disseminada, ajudando a alcançar os públicos aos discursos antivacina. Além disso, é essencial que os profissionais de saúde estejam bem-preparados para responder às dúvidas e medos dos pacientes, promovendo o diálogo aberto e empático (Lewandowsky et al., 2020).

2.3 Análise das Razões para o Movimento Antivacina no Brasil e suas Consequências Sociais

O movimento antivacina no Brasil é um fenômeno multifacetado, cujas raízes estão ligadas a uma combinação de fatores históricos, culturais e sociais. De acordo com Smith (2020), a hesitação vacinal é impulsionada por desconfianças históricas em relação ao Estado, em especial quando há uma percepção de autoritarismo ou manipulação por parte das autoridades. No contexto brasileiro, essa desconfiança é exacerbada pela crescente polarização política e pela disseminação de notícias falsas, o que cria um terreno fértil para o surgimento de movimentos antivacina (Cunha, 2021). Além disso, fatores como o baixo nível de escolaridade e a falta de acesso a informações confiáveis sobre saúde pública apresentadas para a adesão a teorias conspiratórias, que se tornam um obstáculo significativo para os programas de imunidade

As consequências sociais da expansão do movimento antivacina no Brasil são graves, com impacto direto na saúde pública e na confiança coletiva no sistema de saúde. De acordo com Barreto et al. (2022), a queda nas taxas de vacinação comprovada no aumento de surtos de doenças anteriormente controladas, como o sarampo e a poliomielite. Esse cenário compromete os esforços de erradicação de doenças e coloca em risco a imunidade coletiva, essencial para a proteção das populações mais vulneráveis, como crianças e idosos (Oliveira & Silva, 2020). A hesitação vacinal também afeta níveis a percepção do público sobre a ciência e a medicina, criando um ciclo de desinformação e resistência às intervenções de saúde pública (Freeman et al., 2021).

Para enfrentar esse problema, as políticas públicas precisam ser direcionadas para combater a desinformação e reconstruir a confiança nas vacinas. Estudos mostram que campanhas de comunicação baseadas em evidências

científicas, associadas a parcerias com influenciadores e organizações da sociedade civil, são eficazes para melhorar a facilidade vacinal (Lewandowsky et al., 2020). Além disso, é necessário fortalecer a educação em saúde nas escolas e nas comunidades, a fim de promover uma compreensão mais ampla dos benefícios das vacinas e desmistificar os mitos associados a elas (Dubé et al., 2015).

No quadro 1 apresentado oferece uma análise completa das causas e consequências do movimento antivacina no Brasil. Ele destaca como a desinformação, a desconfiança nas instituições, crenças pessoais e o medo de efeitos colaterais impulsionam a hesitação e a recusa vacinal. Além disso, o quadro evidencia as graves consequências sociais dessa postura, como o ressurgimento de doenças erradicadas, a sobrecarga do sistema de saúde, a polarização social e o impacto na saúde individual. Entretanto a análise demonstra a importância da vacinação para a saúde pública e a necessidade de combater a desinformação e promover a confiança na ciência para garantir o bem-estar da população.

Quadro 1 : Razões para o movimento antivacina e as consequências sociais

Razões para o Movimento Antivacina	Consequências Sociais
<p>Desinformação e Fake News: Disseminação de informações falsas e enganosas sobre vacinas, principalmente através das redes sociais, semeando o medo e a desconfiança.</p>	<p>- Ressurgimento de doenças erradicadas: Aumento de casos de doenças como sarampo e poliomielite, colocando em risco a saúde pública, especialmente de crianças e grupos vulneráveis.
 - Sobrecarga do sistema de saúde: Maior demanda por atendimento médico e hospitalizações devido a doenças preveníveis, impactando a capacidade de resposta do sistema de saúde.</p>
<p>Desconfiança nas Instituições: Percepção de falta de transparência e credibilidade nas instituições de saúde e no governo, alimentando teorias conspiratórias e a rejeição à vacinação.</p>	<p>- Redução das coberturas vacinais: Queda nas taxas de vacinação, comprometendo a imunidade coletiva e aumentando o risco de surtos de doenças.
 - Aumento da polarização social: Divisão da sociedade entre grupos pró e antivacina, dificultando o diálogo e a busca por soluções conjuntas.</p>
<p>Crenças Religiosas e Culturais: Interpretações religiosas ou culturais que desencorajam a vacinação, baseadas em</p>	<p>- Bolsões de vulnerabilidade: Formação de comunidades com baixas coberturas vacinais, suscetíveis a surtos e com maior risco de complicações e óbitos.
 - Discriminação e estigmatização:</p>

dogmas ou tradições.	Exclusão social de indivíduos e grupos que optam por não se vacinar, gerando conflitos e preconceito.
Medo de Efeitos Colaterais: Preocupação com possíveis reações adversas às vacinas, muitas vezes amplificada por relatos isolados e informações não comprovadas.	- Hesitação vacinal: Indecisão e adiamento da vacinação, mesmo entre pessoas que não se consideram antivacina, aumentando o risco de exposição a doenças. - Impacto na saúde individual: Pessoas não vacinadas ficam mais suscetíveis a contrair doenças e desenvolver complicações graves, podendo levar à hospitalização e até mesmo à morte.
Busca por Alternativas Naturais: Crença em tratamentos alternativos e naturais, muitas vezes sem comprovação científica, em detrimento da vacinação.	- Atraso no diagnóstico e tratamento: Abandono de tratamentos médicos convencionais em favor de terapias alternativas, podendo agravar doenças e comprometer a saúde. - Gastos com tratamentos ineficazes: Desperdício de recursos financeiros em tratamentos não comprovados, que poderiam ser investidos em cuidados de saúde adequados.

Fonte: Elaborado Pelas Autoras

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona não apenas um desafio sanitário global, mas também uma "infodemia" de informações falsas e enganosas. O presente quadro analisa o impacto da desinformação disseminada por grupos antivacina no Brasil, revelando como a manipulação de dados e a propagação de teorias da conspiração podem ter consequências devastadoras para a saúde pública.

No quadro 2, é possível observar como a desinformação sobre a COVID-19 mina a confiança nas autoridades de saúde, dificulta a implementação de medidas de prevenção e controle da doença e contribui para o aumento de casos, hospitalizações e mortes. Além disso, a hesitação vacinal alimentada por fake news coloca em risco a imunidade coletiva e favorece o ressurgimento de doenças já controladas. O combate à desinformação é crucial para proteger a saúde da população e garantir o sucesso das estratégias de enfrentamento à pandemia.

Quadro 2 – Análise do Impacto da Desinformação sobre a COVID-19

Aspecto	Dado	Impacto Social
Grupos Antivacina no Facebook	2 maiores grupos com mais de 20 mil membros	Disseminação em massa de informações falsas sobre a COVID-19, alcançando um público amplo e potencialmente influenciando suas decisões de saúde.
Publicações sobre COVID-19	139 postagens em 7 dias (65,3% do total)	Aumento exponencial da desinformação sobre a doença, coincidindo com o pico de buscas por informações, o que pode levar a decisões equivocadas e prejudiciais à saúde.
Conteúdo Problemático	78,4% das postagens com teorias da conspiração, informações falsas e promoção de tratamentos sem comprovação científica	Confusão e medo na população, levando à desconfiança em relação às autoridades de saúde e às medidas de prevenção, como o uso de máscaras e a vacinação.
Engajamento nas Publicações	Média de 32 interações em posts com desinformação sobre COVID-19, o dobro da média geral	A desinformação gera maior engajamento do que informações confiáveis, o que amplifica seu alcance e impacto negativo na sociedade.
Impacto na Vacinação	Brasil não atingiu a meta de vacinação em nenhuma das 15 vacinas do calendário anual em 2019	A desinformação sobre vacinas contribui para a queda nas coberturas vacinais, levando ao ressurgimento de doenças erradicadas e aumento de mortes evitáveis.
Resposta das Autoridades e Empresas	Criação de plataformas de checagem de fatos, bots de informação e remoção de conteúdo falso	Esforços para combater a desinformação, mas ainda insuficientes diante da velocidade e alcance das fake news, especialmente em aplicativos como o WhatsApp.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base no artigo "Grupos antivacina mudam foco para covid-19 e trazem sérios problemas à saúde pública", publicado no Jornal da USP em 2020.

A desinformação sobre a COVID-19, impulsionada por grupos antivacina, tem um impacto negativo na saúde pública, dificultando o controle da pandemia e colocando em risco a imunização da população. É fundamental combater a desinformação e promover informações confiáveis para garantir a saúde e o bem-estar da sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo objetivou analisar as múltiplas razões que contribuíram para a consolidação do movimento antivacina no Brasil e as consequências de sua disseminação para a sociedade. Entre os fatores que fomentaram esse fenômeno, destacam-se a desconfiança nas instituições, a proliferação de fake news e o impacto dessas desinformações na adesão às campanhas de imunização, o que compromete diretamente a saúde pública e o bem-estar social.

A fim de assegurar a eficácia dos programas de vacinação, torna-se imperativo que as políticas públicas enfrentem de maneira sistemática e estratégica a hesitação vacinal, sobretudo em grupos historicamente vulneráveis ou marginalizados. A importância social da imunização e sua implementação no Sistema Único de Saúde (SUS) demandam uma resposta coordenada e incisiva às fake news e à desinformação (Costa, 2022). Nesse sentido, a promoção da educação em saúde e o combate às narrativas falsas são fundamentais para reforçar a confiança pública e ampliar a cobertura vacinal.

Além disso, o fortalecimento das políticas de imunização deve ser visto como parte integrante de uma estratégia de saúde coletiva orientada pela equidade. Garantir o acesso justo e igualitário às vacinas, associado ao combate contínuo à desinformação, é essencial para proteger a população, especialmente em contextos de crise sanitária como a pandemia de COVID-19. O engajamento de profissionais de saúde e a criação de campanhas educativas são pilares centrais nessa abordagem.

Por fim, é imprescindível que a sociedade adote uma abordagem pautada pelo pensamento complexo para compreender e lidar com as nuances dos desafios impostos pela desinformação no contexto da vacinação. Apenas ao promover um debate informado, com base em evidências científicas, será possível mitigar os impactos negativos da desinformação e fortalecer a resposta coletiva aos movimentos antivacina.

REFERÊNCIAS

Aqui está a reescrita das referências em ordem alfabética e conforme as normas ABNT:

ALMEIDA, F. A. Hesitação vacinal entre grupos minoritários: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, p. 89-97, 2019.

ALVES, B. O. Transtorno do Espectro Autista – TEA (autismo). **Gov.br**. Disponível em: <<https://bvsms.saude.gov.br/transtorno-do-espectro-autista-tea-autismo>>. Acesso em: 14 set. 2024.

ANDRADE, F. F.; LEANDRO, C. de L.; VARGAS, I. C.; CRUZ, M. E. G. da; OLIVEIRA, P. K. de; GOMES, M. S. Movimento antivacina: uma ameaça real. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, p. 72–79, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/saude/ameaca-real>>. Acesso em: 14 set. 2024.

BARRETO, M. L.; TEIXEIRA, M. G.; CARMO, E. H. O impacto da hesitação vacinal no Brasil: uma revisão crítica. **Revista de Saúde Pública**, 2022.

BBC NEWS BRASIL. A história que deu origem ao mito da ligação entre vacinas e autismo. **BBC**, 24 jul. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-40663622>>. Acesso em: 14 set. 2024.

BELTRÃO, R. P. L.; MOUTA, A. A. N.; SILVA, N. S.; OLIVEIRA, J. E. N.; BELTRÃO, I. T.; BELTRÃO, C. M. F.; FONTENELE, S. M.; DA SILVA, A. C. B. Perigo do movimento antivacina: análise epidemio-literária do movimento antivacinação no Brasil. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 6, e3088, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e3088.2020>>. Acesso em: 14 set. 2024.

BRONIATOWSKI, D. A. et al. Comunicação de saúde armada: bots do Twitter e trolls russos amplificam o debate sobre vacinas. **American Journal of Public Health**, 2018.

BURKI, T. O movimento antivacina online na era da COVID-19. **The Lancet Digital Health**, 2020.

CASTRO, R. Vacinas contra a Covid-19: o fim da pandemia? **Physis (Rio de Janeiro, Brazil)**, v. 31, n. 1, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s0103-73312021310100>>. Acesso em: 14 set. 2024.

COSTA, L. M. O impacto da desinformação na vacinação no Brasil. **Jornal de Saúde Coletiva**, v. 45, n. 1, p. 123-130, 2022.

CUNHA, R. P. Fake news e vacinação: um estudo sobre a desinformação e a hesitação vacinal no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2021.

DUBÉ, E.; GAGNON, D.; MACDONALD, N. E. Estratégias destinadas a abordar a hesitação vacinal: revisão de revisões publicadas. **Vaccine**, v. 33, n. 34, p. 4191-4203, 2015.

FERREIRA, J. R. Políticas públicas e a hesitação vacinal no Brasil. **Revista de Políticas de Saúde**, v. 12, n. 4, p. 150-158, 2020.

FONSECA, E. S. Desigualdade e vacinação: desafios para grupos minoritários. **Saúde em Debate**, v. 43, n. 3, p. 211-220, 2020.

FREEMAN, D. et al. Efeitos de diferentes tipos de informações escritas sobre vacinação na hesitação da vacina contra a COVID-19 no Reino Unido (OCEANS-III): um ensaio clínico controlado randomizado. **The Lancet Public Health**, v. 6, n. 6, p. e416-e427, 2021.

FRUGOLI, A. G. et al. Fake news sobre vacinas: uma análise sob o modelo dos 3Cs da Organização Mundial da Saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 55, e03736, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1980-220x2020028303736>>. Acesso em: 14 set. 2024.

GOMES, S. F.; PENNA, J. C. B. de O.; ARROIO, A. Fake news científicas: percepção, persuasão e letramento. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 26, e20018, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1516-731320200018>>. Acesso em: 14 set. 2024.

HISTÓRICO da pandemia de COVID-19. **Paho.org**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>>. Acesso em: 14 set. 2024.

KATA, A. Ativistas antivacina, Web 2.0 e o paradigma pós-moderno – Uma visão geral das táticas e tropos usados online pelo movimento antivacinação. **Vaccine**, v. 30, n. 25, p. 3778-3789, 2012.

LARSON, H. J. et al. Abordando a lacuna de confiança na vacina. **The Lancet**, v. 378, n. 9790, p. 526-535, 2014.

LEWANDOWSKY, S. et al. Manual de comunicação da vacina COVID-19. **Universidade de Bristol**, 2020.

LIMA, E. J. da F.; FARIA, S. M. de; KFOURI, R. de Á. Reflexões sobre o uso das vacinas para COVID-19 em crianças e adolescentes. **Epidemiologia e Serviços de Saúde: Revista do Sistema Único de Saúde do Brasil**, v. 30, n. 4, e2021957, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s1679-49742021000400028>>. Acesso em: 14 set. 2024.

MENDES, R. T. O combate à desinformação no SUS. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, v. 7, n. 2, p. 98-105, 2021.

NASCIMENTO, P. F. Fake news e hesitação vacinal: o impacto das redes sociais. **Comunicação & Saúde**, v. 35, n. 1, p. 44-51, 2021.

NASSARALLA, A. P. A. et al. Dimensões e consequências do movimento antivacina na realidade brasileira. **Revista Educação em Saúde**, v. 7, p. 120–125, 2019. Disponível em: <<https://revistas.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/3813>>. Acesso em: 14 set. 2024.

OLIVEIRA, D. C. Teorias da conspiração e vacinas: implicações para a saúde pública. **Revista de Saúde Pública**, v. 53, n. 3, p. 67-74, 2021.

OLIVEIRA, M. L.; SILVA, T. R. A hesitação vacinal e seus impactos na saúde pública brasileira. **Cadernos de Saúde Pública**, 2020.

PEREIRA, M. J. Fake news e sua influência na hesitação vacinal. **Revista de Saúde e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 55-62, 2021.

PESQUISA & Desenvolvimento da vacina candidata da Janssen contra a COVID-19. **Janssen Brasil**. Disponível em:

<<https://www.janssen.com/brasil/Pesquisa-Desenvolvimento-da-vacina-candidata-da-Janssen-contr-COVID-19>>. Acesso em: 14 set. 2024.

REZENDE, D. Vacinas contra Covid-19 são seguras e seus benefícios superam os riscos de efeitos cardiovasculares adversos. ****SciELO em Perspectiva | Press Releases****, 22 jun. 2022. Disponível em: <<https://pressreleases.scielo.org/blog/2022/06/22/vacinas-contr-covid-19-sao-seguras-e>>

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Irene Liberato de Macêdo que sempre me apoiou e sempre me incentivou a seguir meus sonhos, a minha fã número 1 meu eterno obrigada ainda e pouco por tudo que fez e faz por mim.